

OS ATOS ANTIDEMOCRÁTICOS DE 8 DE JANEIRO DE 2023: SADISMO, MASOQUISMO E VIDAS COLONIZADAS¹

The antidemocratic acts of January 8, 2023: sadism, masochism and colonized lives

Hidemberg Alves da Frota²

RESUMO

O presente artigo acadêmico almeja oferecer contribuições à Criminologia no exame dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, à luz do diálogo entre as perspectivas psicanalítica, existencial, marxista e decolonial. Verificou-se que, no bojo dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, encontra-se o componente sádico do capitalismo, principalmente o financeiro, o qual se vale dessas mobilizações políticas de índole reacionária para empobrecer a classe média e rebaixar, ainda mais, a renda dos pobres. Percebeu-se que, ao se vandalizar a Praça dos Três Poderes, manifestava-se o masoquismo do sujeito de desconsiderar o bem-estar próprio e da sua família, no longo prazo, em nome do gozo imediato, ao apelar à violência institucional e grupal.

Palavras-chave: sadismo, masoquismo, capitalismo, colonialidade, vidas colonizadas.

ABSTRACT

This academic article aims to offer contributions to Criminology in the examination of the undemocratic acts of January 8, 2023, in light of the dialogue between psychoanalytic, existential, Marxist and decolonial perspectives. It was found that, in the midst of the anti-democratic acts of January 8, 2023, there is the sadistic component of capitalism, mainly financial, which makes use of these political mobilizations of a reactionary nature to impoverish the middle class and degrade, even further, the income of the poor. It became clear that, by vandalizing the Square of the Three Powers, the masochism of disregarding one's own and one's family's well-being, in the long term, was manifested in the name of immediate enjoyment by resorting to institutional and group violence.

Keywords: sadism, masochism, capitalism, coloniality, colonized lives.

1 Agradecimento à Profa. Dra. Ana Maria Coelho Silva Wertheimer, pela criteriosa análise, pertinentes sugestões e cuidadosa orientação, ao Prof. Dr. Juan de Moraes Domingues, pela generosa e acolhedora apreciação, e ao Curso de Especialização em Psicanálise e Análise do Contemporâneo (PUCRS), na pessoa do seu Coordenador, Prof. Dr. Jefferson Silva Krug, pelo primoroso Programa de Pós-Graduação Lato Sensu. Agradecimento, também, ao Conselheiro Afrânio de Sá, Professor Emérito (UFAM), à Profa. Dra. Renata Wirthmann Gonçalves Ferreira (UFCAT), ao Prof. Dr. Marco Antonio dos Santos Casanova (UERJ) e à Profa. Dra. Solange Fernandes (PUCPR), bem como à Profa. Dra. Isabela Ferreira de Pinho e aos cursos de extensão por ela coordenados na PUC-Rio, pelos diálogos enriquecedores e relevantes indicações de leitura.

2 Especialista em Psicanálise e Análise do Contemporâneo (PUCRS). Especialista em Relações Internacionais: Geopolítica e Defesa (UFRGS). Especialista em Psicologia Clínica Existencialista Sartriana (Instituto NUCAPE/UNIFATEC). Especialista em Direito Público: Constitucional, Administrativo e Tributário (PUCRS). Especialista em Ciências Humanas: Sociologia, História e Filosofia (PUCRS). Especialista em Direito Internacional e Direitos Humanos (PUC Minas). Especialista em Direito Público (Escola Paulista de Direito). Especialista em Direito Penal e Criminologia (PUCRS). Especialista em Direitos Humanos e Questão Social (PUCPR). Especialista em Psicologia Positiva: Ciência do Bem-Estar e Autorrealização (PUCRS). Especialista em Direito e Processo do Trabalho (PUCRS). Especialista em Direito Tributário (PUC Minas). Agente Técnico-Jurídico do Ministério Público do Estado do Amazonas (carreira jurídica de nível superior do MPAM). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2009-6225>. E-mail: alvesdafrota@gmail.com.

Sumário: 1. Introdução. 2. Sadismo e masoquismo na matriz nazista. 3. Sadismo e masoquismo na matriz da colonialidade e do capitalismo. 4. Psicologia das multidões e vidas colonizadas. 5. Considerações Finais. 6. Referências.

Summary: 1. Introduction. 2. Sadism and masochism in the Nazi matrix. 3. Sadism and masochism in the matrix of coloniality and capitalism. 4. Psychology of crowds and colonized lives. 5. Final Considerations. 6. References.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, nos cenários nacional e internacional, sobretudo no mundo ocidental, tem despertado perplexidade o grau de fragilidade e desidratação de aparentes consensos sociais em torno da democracia liberal, da economia de mercado, da prevalência dos direitos humanos e da ampliação da proteção ao meio ambiente. Ao mesmo tempo, espalha-se o desejo de retorno à glória, à paz, à previsibilidade e à ordem de passado idealizado pelas lentes da nostalgia e do esquecimento seletivo, matizadas pelo anseio de fuga da realidade cada vez mais complexa do dia a dia contemporâneo, por força das incertezas provocadas pela desindustrialização, pela precarização das relações trabalhistas, pela erosão de papéis sociais bem demarcados, pela liquidez das relações e dos relacionamentos interpessoais e por pressões cada vez maiores por alto desempenho, multifuncionalidade, felicidade, sucesso, bem-estar e autorrealização, potencializadas pelo ambiente das redes sociais, em que a extimidade, em simulacros de positividade, assume a ilusória estatura de condição de *sine qua non* de reconhecimento social e autoestima.

O neoliberalismo, desde a crise financeira global de 2008, reinventou-se ao reabilitar ideologias de ancestralidade fascista, conjugadas com a gramática da recuperação dos valores tradicionais relacionados ao patriarcado, à normatividade de cariz heterossexual e cisgênero e à revivescência da ortodoxia religiosa, ajustada, agora, às demandas da sociedade de consumo, aos paradigmas neoliberais e neoconservadores sintetizados na teologia da prosperidade e à estigmatização de bandeiras (des)identitárias e pautas relacionadas à justiça social.

Nessa tessitura em emergência, com profundas ressonâncias, políticas, econômicas, sociais e psíquicas, os movimentos e grupos de extrema direita têm galgado posições de destaque em partidos políticos e governos tanto no Norte Global quanto no Sul Global. No Brasil, a sua maior expressão, em termos de protagonismo político e reverberação social, é o bolsonarismo, amplificado na presidência de Jair Messias Bolsonaro. O clímax da Era Bolsonaro ocorreu poucos dias após o encerramento formal da sua presidência, na ocasião dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, com a mobilização de grupos de extrema direita que partiram em direção à Praça dos Três Poderes, promoveram atos de vandalismo e, mais do que isso, organizaram uma verdadeira intentona, em prol da intervenção militar. Causou assombro em parte da opinião pública e da sociedade civil

brasileira e estrangeira não só pela ousadia sem precedentes, mas também pela apatia dos protocolos de segurança das Forças Armadas e da Polícia Militar do Distrito Federal e pela subsequente contemporização por segmentos conservadores dos meios de comunicação social, das redes sociais, das instituições religiosas e da classe política, parcela da sociedade brasileira mais indignada com as prisões provisórias dos possíveis autores e partícipes daqueles atos antidemocráticos do que com a tentativa de golpe de Estado por eles intentada.

Diante desse cenário, o presente artigo acadêmico almeja oferecer contribuições à Criminologia no exame dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, à luz do diálogo entre as perspectivas psicanalítica, existencial, marxista e decolonial.

2 SADISMO E MASOQUISMO NA MATRIZ NAZISTA

Ao se debruçar sobre o que denominou de “psicologia do nazismo” (Fromm, 2023, p. 207), o filósofo social, psicanalista e terapeuta existencial³ Erich Fromm (1900-1980) percebeu que a personalidade do líder de extrema direita (no caso nazista, mas também, pode-se acrescentar, o fascista em geral) guarda afinidade com a personalidade daqueles que constituem a parcela da população que lhe é simpática, a exemplo da empobrecida classe média alemã da década de 1930 (Fromm, 2023). Dessa maneira, o líder autoritário de extrema direita, os seus seguidores e simpatizantes compartilham de similar estrutura de caráter autoritário, a qual se assenta na presença tanto do sadismo, por meio do qual se pretende alcançar “poder ilimitado sobre outrem” (Fromm, 2023, p. 220), quanto do masoquismo, mediante o qual se anela que o eu venha a se diluir em “poder esmagadoramente forte, participando no seu poderio e na sua glória” (Fromm, 2023, p. 220).

Na óptica frommiana, essa expressão de sadomasoquismo, sobressalente no nazismo, decorre das circunstâncias em que o sujeito, encontrando-se isolado e não sendo capaz de suportar a solidão, recorre a uma relação de bases simbióticas (Fromm, 2023). No panorama político e social da Alemanha nazista, o *Führer* e o aparato burocrático do Governo e do Partido nazistas viciaram os seus apoiadores, entorpecendo-os em um tipo de sadismo por sub-rogação, ou seja, enquanto “Hitler e a sua burocracia desfrutam do poder sobre as massas alemãs” (Fromm, 2023, p. 223), elas “são ensinadas a desfrutar do poder sobre as outras nações e a ser movidas pela paixão do domínio do mundo” (Fromm, 2023, p. 223).

A dimensão sádica do nazismo se fazia presente no respeito e deferência dos nazistas

3 Conquanto a sua prática clínica e a sua produção intelectual a ela relacionada tenham ocorrido na seara da Psicanálise, Fromm, na atualidade, é considerado, no âmbito das escolas de Psicologia Existencial, um dos pioneiros da clínica terapêutica existencial (Deurzen; Adams, 2016).

por aqueles que, na perspectiva nacional-socialista, ainda que lhes fossem oponentes, eram por eles admirados, pois exibiam poder, força e firmeza. Tal postura contrastava com o desprezo, o ódio e a repulsa dos nazistas endereçados àqueles que se mostravam, na distorcida óptica nacional-socialista, frágeis e pusilânimes, porquanto, nos planos políticos interno e externo, tais vozes moderadas, em contraste com o movimento nazista e demais grupos fascistas daquela época, propunham soluções não beligerantes pautadas na indulgência, no diálogo e na diplomacia, à procura de alternativas para que fosse evitado novo conflito armado europeu ou global e contidas as ambições desmedidas do Partido Nazista e dos seus hierarcas no cenário político alemão e nos contextos geopolíticos continental e mundial. Significa dizer que qualquer tentativa, nas esferas domésticas e internacionais, de apaziguar os nazistas surtia efeito contrário: neles despertava ira, já que os membros do Partido e do Governo nazistas interpretavam como afrontosa a propositura de soluções conciliatórias e consideravam fracas e impotentes as autoridades e potências que as propunham (Fromm, 2023).

A faceta do sadismo também foi constatada por Fromm nos discursos paranoicos de Hitler e em meio às mentiras intencionais, por ele propagadas de modo premeditado. Por meio dessas manifestações, Hitler acusava os supostos inimigos do povo alemão justamente da prática dos atos sádicos que, na realidade, ele acalentava perpetrar e incitar, de forma que os atos de opressão nazistas eram justificados a título de “defesa contra a opressão de outros” (Fromm, 2023, p. 227). Ao censurar as nações, os povos e comunidades étnicas e religiosas descritos como ameaças ao povo alemão, Hitler enxergava como condenáveis e desprezíveis, em seus inimigos, reais ou imaginários, supostos projetos coletivos nefastos que, todavia, quando abraçados pela alegada “raça ariana” ou “raça nórdica”, eram divisados, pela ideologia nazista, como propósitos nobres e indispensáveis de dominação e subjugação em escala planetária, pelo povo germânico, dos demais povos e nações, o que supostamente, de acordo com a narrativa nazista, seria feita em prol da humanidade (Fromm, 2023).

Já na dimensão do masoquismo, este imbricado com o sadismo⁴, a ideologia nazista concitava aqueles identificados entre as massas, posicionados fora da elite político-partidária de extrema direita, destituídos de poder econômico e de prestígio social (em regra, os integrantes da classe média baixa, os pobres, os anônimos e os invisibilizados) a atos de renúncia e sacrifício, sob o pálio de regime de servidão, em troca da suposta proteção de Estado totalitário e totalizante. Conquanto esse vínculo de subordinação entre

4 Fromm percebeu que são intrínsecas ao caráter autoritário as tonalidades sadomasoquistas, uma vez que “as pessoas cuja atitude política é geralmente descrita como autoritária (ativa e passiva), exibem usualmente (na nossa sociedade) traços do caráter sadomasoquista: controle dos que se acham na escala inferior e submissão em relação aos seus superiores” (Fromm, 1975, p. 392).

as massas germânicas e o *establishment* nazista fosse escamoteado mediante a aparência de dever cívico de altruísmo, em benefício da nação e do povo da Alemanha, consistia, na verdade, em distorcida formulação da preponderância do interesse público sobre o privado, ou da prevalência do interesse geral da sociedade sobre o individual. Em outras palavras, destinava-se, na realidade, ao esvaziamento da própria identidade do sujeito inserido nas massas, da sua noção de individualidade, por meio da abdicação permanente a ter opiniões e interesses próprios e o abandono, de modo perpétuo, do direito de acalentar ideais próprios de felicidade e bem-estar. Almejava-se que o povo alemão se entregasse, de forma resignada, aos desejos cada vez mais insaciáveis da elite nazista e do seu líder, processo a culminar na aniquilação do sujeito situado entre as massas (Fromm, 2023).

Os horizontes existenciais e os campos de possibilidades do súdito do Terceiro Reich relegado às massas seriam afinados para a perspectiva monolítica de orgulhar-se de si próprio como vassalo que, embora insignificante, contribuiria para o vigor e a glória de organização política a encarnar poder supremo. O prêmio de consolação mórbido do súdito do Terceiro Reich seria a faculdade de reproduzir a hierarquia da opressão, até atingir o nível de coadjuvante do extermínio em escala industrial, notadamente de judeus, além de outras minorias, como ciganos e homossexuais. As massas ditas arianas tinham o dever de submissão ao poder da elite nazista e, ao mesmo tempo, eram incentivadas à subjugação daqueles que seriam a elas hierarquicamente inferiores. Nesse rol de sujeitos a serem subalternizados incluíam-se os povos, as nações e as comunidades étnicas e religiosas que deveriam ser dominadas, exploradas, estigmatizadas, humilhadas e, se fosse o caso, exterminadas. Tal circunstância é ilustrada, de modo cabal, pelo holocausto judaico (Fromm, 2023).

3 SADISMO E MASOQUISMO NA MATRIZ DA COLONIALIDADE E DO CAPITALISMO

Na tessitura brasileira, os repertórios de sadismo e masoquismo imanentes às ideologias de extrema direita são mobilizados dentro da moldura de opressão às existências colonizadas. Na matriz da colonialidade⁵ (típica do Sul Global, em particular da América Latina) é que atuam os mecanismos sadistas e masoquistas empregados pelos grupos da

5 Embora os processos de independência jurídica e política de âmbito nacional, no Sul Global, tenham resultado na extinção formal dos regimes jurídico-políticos do ciclo colonial, remanesce a colonialidade, como manifestação de “modos específicos de exercício de poder”, tanto a “produzir dominação entre corpos e povos”, quanto a “distribuir e naturalizar formas de violência” (Cabral, 2023, p. 28). Cuida-se de “presença tentacular, por vezes sutil, por vezes bruta”, a ressoar, de modo direto, “na formação político-epistemológico-existencial-econômico-religioso-moral de um povo”, seja na micropolítica, seja na macropolítica, à medida que “condiciona afetos, constitui saberes e destitui conhecimentos, produz símbolos e crenças, normatiza comportamentos, produz bens e os distribui segundo [a] sua lógica interna, subjetiva pessoas e coletividades, condiciona a criação e o andamento das instituições sociais etc.” (Cabral, 2023, p. 27-28).

extrema direita brasileira.

Embaixo do epítelo do discurso de extrema direita à primeira vista libertário, moralista, excêntrico, popularesco ou simplório, ocultam-se estratégias racionais e sistêmicas do capitalismo, em especial o financeiro. Em ambiente propício ao autoritarismo conservador de inclinações religiosas e militaristas, o capitalismo consegue manipular, com mais desenvoltura, as massas, para além dos limites da democracia liberal e dos obstáculos enfrentados, no jogo democrático, pelos governos de centro-direita de inspiração neoliberal, a fim de se implementarem reformas neoliberais ou ultraliberais mais radicais, a exemplo da maior facilidade, durante o regime ditatorial do General Augusto Pinochet, para se criar o laboratório latino-americano do neoliberalismo (Alemparte, 2022).

É o reflexo de quadro mais complexo, no qual “o capitalismo, estruturalmente, é potencialmente fascista, porque sempre se lastreia no subconsumo” (Mascaro, 2022, p. 118). Vale dizer: “Sempre há uma crise social, uma crise do consumo, sempre há uma pobreza que gera o esgarçamento social” (Mascaro, 2022, p. 118). O subconsumo é inerente ao percurso histórico do capitalismo. O compromisso do capitalismo não é com o bem-estar social ou a máxima prosperidade de toda a sociedade, e sim com a manutenção e a reposição das diferenças sociais relativas, ainda que, para tanto, tenha de sacrificar os lucros da burguesia (Mascaro, 2022).

Com efeito, observa-se o componente sádico do capitalismo nas situações de pleno emprego, em que políticas públicas de centro-esquerda de inspiração social-democrata, a amainarem os efeitos do neoliberalismo, são sabotadas pelas articulações políticas, de fundo reacionário, de parcela da burguesia. Também é sádico o capitalismo, principalmente o financeiro, ao se valer dessas mobilizações políticas de índole reacionária para empobrecer a classe média e rebaixar, ainda mais, a renda dos pobres. Enquanto isso ocorre, a classe média, dentro da matriz colonial de controle de vidas subalternizadas, mesmo passando a auferir renda mais modesta, “sente-se no paraíso quando em comparação com os mais pobres” (Mascaro, 2022, p. 118).

Por outro lado, o capitalismo revela-se, igualmente, masoquista, ao fulminar a lucratividade de que a própria burguesia usufrui em tais situações de bonança, assim procedendo como meio de sustentar ou restaurar as diferenças sociais relativas a que se refere o jusfilósofo marxista Alysson Leandro Mascaro. Mostra-se, a propósito, emblemática a circunstância de contingente expressivo da burguesia brasileira haver se orgulhado de inflar “um pato de plástico na avenida para ao final não venderem como vendiam no tempo daqueles que eram os ditos inimigos da classe burguesa” (Mascaro, 2022, p. 118). Desse modo, quando predominam, na conjuntura política brasileira, as tonalidades autoritárias da nova extrema direita, com mais vigor age o capitalismo em sua faceta sádica.

Camuflado por intermédio dos grandes grupos de comunicação social e

entretenimento, do empresariado em geral, das redes sociais, da prédica neoliberal e do crescente espectro político e religioso conservador, o capital, nele prevalecendo a vertente financeira do capitalismo, prossegue com o seu projeto global. Iniciado na segunda metade do século XX, esse projeto global, seja em regimes democráticos, seja em regimes autoritários, anela simular consensos, na verdade, artificiais, em torno do caminho neoliberal ou ultraliberal como único percurso coletivo viável de prosperidade econômica, com a pretensão de converter as suas reivindicações em fatos consumados. Em paralelo a esse processo, no Brasil, a exemplo do que acontece nos Estados Unidos, parcela expressiva das massas da primeira metade do século XXI encontra-se desatenta a essa movimentação capitalista e ocupada com pautas de costumes e com a luta contra o comunismo ou o socialismo e a defesa da cristandade. Contempla-se, assim, o desejo sádico do capitalismo, instrumentalizando os movimentos e grupos de extrema direita e potencializando o medo das massas diante de ameaças imaginárias ou hiperbólicas.

Subjugam-se as massas, intensificando-se o processo de flexibilização das leis trabalhistas. Naturaliza-se a precariedade das relações laborais, tanto no setor público quanto no setor privado. Restringem-se as fontes de financiamento das entidades sindicais. Incentiva-se a desregulação e/ou desregulamentação da ordem econômica. Perpetua-se a desindustrialização. Desconstroem-se, de forma paulatina, as redes de proteção inspiradas no Estado do Bem-Estar Social (desidratando-se, no panorama brasileiro, o Sistema Único de Saúde, a Assistência Social e a Seguridade Social). Estabelecem-se restrições indiretas à comunidade acadêmica e científica: na conjuntura brasileira, pela atrofia dos recursos financeiros destinados às instituições de ensino superior, mormente às universidades públicas federais e às agências estatais de fomento à pesquisa. Procedem-se à transferência ao patrimônio privado do máximo de empresas originalmente de capital estatal único ou majoritário. Enquanto se agravam os quadros de desigualdade social e se alarga o contingente de brasileiros defrontados com a ausência de perspectivas concretas de vida digna, as mazelas sociais são atribuídas (exclusivamente) aos males da corrupção deixada pelos governos de centro-esquerda. Os atos de má gestão de governos de extrema direita são creditados ao boicote dos partidos progressistas, a notícias falsas ou exageradas divulgadas pela mídia tradicional e a interesses ocultos, os quais seriam relacionados, entre outros bodes expiatórios, à República Popular da China, ao Foro de São Paulo e ao suposto projeto de fundação da União das Repúblicas Socialistas da América Latina (URSAL).

A face masoquista do capitalismo, mediada pelos movimentos e grupos de extrema direita, é aquela que incute nos oprimidos a mentalidade dos opressores. Perpetua-se a perspectiva colonial nas existências colonizadas, as quais, por sua vez, sabotam os seus próprios direitos e interesses legítimos, em função da passividade e da alienação a que se aclimatam. Esse grau de passividade e alienação se reflete no nível elevado de hostilidade

a qualquer contraponto político, filosófico e ideológico a oferecer alguma proposta de educação e políticas públicas emancipatórias. Tal postura passiva e alienada, que negligencia e contraria os seus próprios direitos e interesses legítimos, é demandada dos adeptos e simpatizantes de grupos de extrema direita, tais quais os fascistas. Essa exigência assume maior intensidade à proporção que o comportamento político a que o seu seguidor se comprometeu a levar adiante “se torna irreconciliável com seus próprios interesses racionais como pessoa privada, bem como com aqueles do grupo ou classe à qual ele atualmente pertence” (Adorno, 2015, p. 166).

4 PSICOLOGIA DAS MULTIDÕES E VIDAS COLONIZADAS

Nas multidões dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, encontravam-se sujeitos com antecedentes criminais e autodenominados influenciadores digitais que, por meio das redes sociais, haviam intencionalmente lucrado com a difusão de *fake news* de extrema direita. Por outro lado, nelas também se encontravam empresários de pequeno porte, trabalhadores, profissionais liberais, aposentados de classe média e donas de casa que, em outros contextos, permaneceriam na sacada do seu apartamento, na varanda da sua casa, ou em frente ao televisor ou à tela do aparelho celular, indiferentes, diante de uma passeata ou outra mobilização popular que estivesse sendo noticiada ou que estivesse acontecendo na vizinhança. Nesse aspecto, assiste razão a Gustave Le Bon (1841-1931) em *A Psicologia das Multidões* (1895):

[...] Pelo simples fato de fazer parte de uma multidão, o homem desce portanto vários graus na escala da civilização. Isolado era talvez um indivíduo culto, na multidão é um instintivo, conseqüentemente um bárbaro. Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também os entusiasmos e os heroísmos dos seres primitivos. Aproxima-se deles também por sua facilidade em se deixar impressionar por palavras, imagens e conduzir a atos que lesam seus mais evidentes interesses. O indivíduo na multidão é um grão de areia no meio de outros grãos de areia que o vento agita a seu bel-prazer.⁶ (Le Bon, 2021, p. 36-37)

Ao vandalizarem a Praça dos Três Poderes, em atos gravados por câmeras de segurança, por cinegrafistas das redes de televisão e pelos aparelhos celulares dos demais presentes, aqueles que ali se reuniram graciosamente se expuseram ao risco de responderem por delitos, inclusive contra o Estado Democrático de Direito. Mesmo risco assumido pelos que passaram semanas a fio em acampamentos, incluindo os levantados no Plano Piloto e em frente a unidades das Forças Armadas, sobretudo do Exército Brasileiro, pedindo, em

6 Citação adaptada à Reforma Ortográfica brasileira de 2009.

ilusória “vigília cívica”, a imediata intervenção militar. Em tais demonstrações, manifestava-se o masoquismo de o sujeito desconsiderar o bem-estar próprio e da sua família, no longo prazo, em nome do gozo imediato, ao apelar à violência institucional e grupal. Olvidou-se o risco de destino semelhante ao de políticos brasileiros de destaque na década de 1950 e no início dos anos 1960 que viriam a chancelar o golpe de Estado de 1964 e, mais adiante, sofreriam com o arbítrio do regime ditatorial militarista que inicialmente aplaudiram⁷.

Na contextura dos atos antidemocráticos de 8 de janeiro de 2023, os valores cristãos (em que se incluem a fraternidade, a caridade e o amor ao próximo), tão louvados pelos simpatizantes dos movimentos da extrema direita religiosa, cederam lugar à exigência de que as instituições militares federais exercitassem demonstrações de força, sobrepondo-se aos Poderes de Estado e ao Estado Democrático de Direito. Na ambiência golpista, não havia tolerância para a composição política, o diálogo entre partidos de orientação política diversa e soluções de compromisso. Nesse sentido, novamente, mostram-se lúcidas e perenes as palavras de Le Bon:

O autoritarismo e a intolerância constituem para as multidões sentimentos muito claros, que elas suportam tão facilmente quanto os praticam. Respeitam a força e são mediocramente impressionáveis pela bondade, facilmente considerada como uma forma de fraqueza. Suas simpatias jamais se voltam para os mestres indulgentes, mas sim para os tiranos que as dominaram vigorosamente. É sempre a eles que erguem as mais altas estátuas. O déspota deposto só é espezinhado com gosto porque, tendo perdido a força, entra na categoria dos fracos desprezados e não temidos. [...] (Le Bon, 2021, p. 55)

A classe média baixa, os pobres, os trabalhadores precarizados, umbandistas, candomblecistas, homens negros, mulheres negras, homens e mulheres descendentes ou integrantes de povos originários, homossexuais, teoricamente aqueles que mais seriam prejudicados por políticas públicas de extrema direita, por vezes são arrebatados pela prédica religiosa, pelo medo de uma iminente revolução socialista, bem como pela retórica da manutenção da liberdade individual e econômica e de saneamento moral do País. Em meio a essa ambivalência de matriz colonial, parcela desses grupos vulneráveis e minorias apoiou, fervorosamente, candidatos e movimentos de extrema direita e torceu, mediante o repasse de mensagens via, entre outros, o aplicativo *WhatsApp Messenger*, pelo advento de golpe de Estado ou pelo adoecimento e morte do candidato do Partido dos Trabalhadores. Paradoxalmente, no seio de grupos vulneráveis, sob o prisma socioeconômico, étnico, religioso e/ou da orientação sexual e da identidade de gênero, surgem, por vezes, aqueles que, de modo entusiástico, aderem a campanhas por intervenção militar. Apresenta-se,

7 Ilustrativa é a cassação posterior de Adhemar de Barros, Carlos Lacerda e Juscelino Kubitschek (Fraga, 2004).

nessa tessitura, o masoquismo da renúncia a direitos fundamentais e aos interesses do seu próprio grupo vulnerável, à vista do desejo de agasalhar-se sob o pretensamente protetor de Estado ditatorial, conservador e militarizado, imaginado como a barreira de contenção à ideologia marxista, à corrupção dos partidos de esquerda e ao caos social e econômico.

As vidas colonizadoras constituem o referencial que orienta as vidas colonizadas, de maneira que o sujeito colonizado constrói para si “um tipo de autocompreensão dotado de pouca valia, de inferioridade e subalternidade” (Cabral, 2021, p. 92) e “almeja reproduzir, onde vê alguma brecha, a vida colonizadora” (Cabral, 2021, p. 92). Consiste em um processo em que o sujeito oprimido, na conjuntura da matriz colonial do Brasil, da América Latina e do Sul Global, “naturaliza o status quo opressor” (Cabral, 2021, p. 92): mesmo “que assuma uma postura fatalista, quando pode, repete os modos de ser dos/das opressores/opressoras”, convolvendo-se em “sub-opressor/sub-opressora” (Cabral, 2021, p. 92). Trata-se de existência cindida, em que nele se reside, de forma simultânea, “ele/ela e o outro (opressor/opressora)” (Cabral, 2021, p. 92), à medida que aquele oprimido, na dinâmica da sua existência, realiza espécie de “introjeção” de quem o oprime. Na matriz da colonialidade, as vidas colonizadas se adequam “aos modos de ser, pensar, sentir, desejar, trabalhar que lhes são violentamente impostos pela colonialidade” (Cabral, 2021, p. 93), já que as existências colonizadas “não podem ser heterogêneas” (Cabral, 2021, p. 93). É o fenômeno do “sequestro da heterogeneidade (alteridade, outridade)” (Cabral, 2021, p. 93). As existências colonizadas são compelidas a se ajustar “a formas de existência, que são impostas, caso desejem sobreviver” (Cabral, 2021, p. 93), isto é, há “o cultivo de modos adaptativos de existência” (Cabral, 2021, p. 93).

O masoquismo também se exprime na escolha de aderir, sem reflexão cuidadosa, por automatismo deliberado, à plêiade de notícias falsas difundidas pelos grupos de extrema direita nas redes sociais e de preferir conferir ares de racionalidade à irracionalidade das *fake news*⁸, em detrimento da análise crítica. É o masoquismo de permitir a si mesmo ser conduzido por grupos que militam contra os seus próprios interesses, como cidadão, em fuga ilusória da angústia provocada pelos questionamentos e incertezas que florescem quando o sujeito sopesa valores e pondera argumentos em tensão dialética, compara fontes de informação e indaga da sua própria condição humana em meio aos atravessamentos dos campos sociais, econômicos, políticos, axiológicos, normativos e culturais.

O percurso existencial masoquista é contrário, portanto, ao caminho que se trilha

8 Aqui cabe a ressalva de que a propaganda levada a efeito por grupos de extrema direita ventila irracionalidade a serviço de uma racionalidade: “Sabemos muito bem que a propaganda fascista, com toda a sua lógica enviesada e distorções fantásticas, é conscientemente planejada e organizada. Se ela deve ser chamada de irracional, então é uma irracionalidade aplicada, mais do que uma espontânea, um tipo de psicotécnica reminescente do efeito calculado, conspícuo na maior parte das apresentações da cultura de massa de hoje, tal como em filmes e transmissões radiofônicas” (Adorno, 2015, p. 143-144).

quando se exerce a tutela da própria existência, ao se assenhorar da sua autonomia para escolher os rumos do seu projeto existencial, sem se vincular à chancela automática de determinados grupos, movimentos e instituições, assumindo-se como ser-no-mundo que se lança à mundanidade sem a garantia de que os valores e as crenças que hoje abraça continuarão fazendo sentido para si no devir. Com efeito, na compreensão psicanalítica de Theodor W. Adorno (1903-1969) – assim como Fromm, importante teórico da primeira geração da chamada Escola de Frankfurt⁹ –, a ideologia fascista estabelece mecanismos de controle social que expropriam o inconsciente, “em vez de tornar os sujeitos conscientes do seu inconsciente” (Adorno, 2015, p. 187), e perpetuam a dependência dos sujeitos no tocante “às leis heterônomas do inconsciente” (Adorno, 2015, p. 187), deixando de se emancipar delas, o que lhes permitiria realizarem a sua “potencial liberdade” (Adorno, 2015, p. 187).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na tessitura brasileira, os repertórios de sadismo e masoquismo imanentes às ideologias de extrema direita são mobilizados dentro da moldura de opressão às existências colonizadas. Na matriz da colonialidade (típica do Sul Global, em particular da América Latina) é que atuam os mecanismos sadistas e masoquistas empregados pelos grupos da extrema direita brasileira. Embaixo do epitélio do discurso de extrema direita à primeira vista libertário, moralista, excêntrico, popularesco ou simplório, ocultam-se estratégias racionais e sistêmicas do capitalismo, em especial o financeiro. Em ambiente propício ao autoritarismo conservador de inclinações religiosas e militaristas, implementam-se reformas neoliberais ou ultraliberais mais radicais, ao se manipularem, com maior desenvoltura, as massas, para além dos limites da democracia liberal e dos obstáculos enfrentados, no jogo democrático, pelos governos de centro-direita de inspiração neoliberal.

O componente sádico do capitalismo se observa até nas situações de pleno emprego, haja vista que, mesmo em tais conjunturas econômicas auspiciosas, as políticas públicas de centro-esquerda de inspiração social-democrata, a amainarem os efeitos do neoliberalismo, são sabotadas pelas articulações políticas, de fundo reacionário, de parcela da burguesia. Também se evidencia a presença do componente sádico quando o capitalismo, principalmente o financeiro, vale-se dessas mobilizações políticas de índole reacionária para empobrecer a classe média e rebaixar, ainda mais, a renda dos pobres. Enquanto esse processo ocorre, a classe média, dentro da matriz colonial de controle de vidas subalternizadas, ainda que passando a auferir renda mais modesta, enxerga-se em

9 Alusão aos renomados intelectuais adeptos da perspectiva crítica de análise sociológica e filosófica e vinculados ao Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt (Mascaro, 2022).

situação mais benéfica que os pobres e miseráveis. Por outro lado, o capitalismo revela-se, igualmente, masoquista, ao fulminar a lucratividade de que a própria burguesia usufrui em situações de bonança, assim procedendo como meio de sustentar ou restaurar as diferenças sociais relativas.

O desejo sádico do capitalismo, instrumentalizando os movimentos e grupos de extrema direita, para subjugar as massas, manifesta-se nestes fenômenos: (a) intensifica-se o processo de flexibilização das leis trabalhistas; (b) naturaliza-se a precariedade das relações laborais, tanto no setor público quanto no setor privado; (c) restringem-se as fontes de financiamento das entidades sindicais; (d) procede-se à desregulação e/ou desregulamentação da ordem econômica; (e) perpetua-se a desindustrialização; (f) desconstruem-se, de forma paulatina, as redes de proteção inspiradas no Estado do Bem-Estar Social (desidratando-se, no panorama brasileiro, o Sistema Único de Saúde, a Assistência Social e a Seguridade Social); (g) estabelecem-se restrições indiretas à comunidade acadêmica e científica (na conjuntura brasileira, pela atrofia dos recursos financeiros destinados às instituições de ensino superior, mormente às universidades públicas federais e às agências estatais de fomento à pesquisa); (h) e prossegue-se com a transferência ao patrimônio privado do máximo de empresas originalmente de capital estatal único ou majoritário.

Já a face masoquista do capitalismo, mediada pelos movimentos e grupos de extrema direita, é aquela que incute nos oprimidos a mentalidade dos opressores e perpetua a perspectiva colonial nas existências colonizadas. Essas existências colonizadas, por sua vez, sabotam os seus próprios direitos e interesses legítimos, tamanho o nível de passividade e alienação a que se aclimatam, a se refletir no grau de hostilidade a qualquer contraponto político, filosófico e ideológico que possa oferecer alguma proposta de educação e políticas públicas emancipatórias. Tal postura passiva e alienada, que negligencia e contraria os seus próprios direitos e interesses legítimos, é demandada dos adeptos e simpatizantes de grupos de extrema direita, tais quais os fascistas, à proporção que o comportamento político a que os seus seguidores se comprometeram a levar adiante vai se mostrando cada vez mais incompatível com os seus próprios interesses e os de sua classe.

Ao vandalizarem a Praça dos Três Poderes, em atos gravados por câmeras de segurança, por cinegrafistas das redes de televisão e pelos aparelhos celulares dos demais presentes, aqueles que ali se reuniram graciosamente se expuseram ao risco de responderem por delitos, inclusive contra o Estado Democrático de Direito. Igual risco assumiram os que passaram semanas a fio em acampamentos, incluindo os levantados no Plano Piloto e em frente a unidades das Forças Armadas, sobretudo do Exército Brasileiro, a pedirem, em ilusória “vigília cívica”, a imediata intervenção militar. Lá se manifestava o masoquismo de o sujeito desconsiderar o bem-estar próprio e da sua família, no longo prazo, em nome do gozo imediato, ao apelar à violência institucional e grupal.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Ensaio sobre psicologia social e psicanálise**. São Paulo: Unesp, 2015.
- ALEMPARTE, Benjamin. Towards a theory of neoliberal constitutionalism: Addressing Chile's first constitution-making laboratory. **Global Constitutionalism**, Cambridge, v. 11, n. 1, p. 83-109, Mar. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S2045381721000058>. Acesso em: 22 jul. 2023.
- CABRAL, Alexandre Marques. **Compaixão e revolta: sobre sofrimentos e corpos vulneráveis no mundo da iniquidade**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2021. (Coleção Afetos)
- CABRAL, Alexandre Marques. **Topologias do não-ser: discutindo (sub) ontologia e colonialidade com Nelson Maldonado-Torres**. Rio de Janeiro: Via Verita, 2023.
- DEURZEN, Emmy van; ADAMS, Martin. **Skills in Existential Counseling & Psychotherapy**. 2nd. ed. London: SAGE, 2016.
- FRAGA, Plínio. Líderes políticos a favor do golpe de 64 ganharam, mas não levaram. **Folha de São Paulo**, Caderno Brasil, São Paulo, 1 abr. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc0104200427.htm>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- FROMM, Erich. **Anatomia da destrutividade humana**. Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Zahar, 1975. (Biblioteca de Ciências Sociais)
- FROMM, Erich. **Medo da liberdade**. Tradução de Pedro Elói Duarte. Coimbra: Edições 70, 2023.
- LE BON, Gustave. **Psicologia das multidões**. Tradução de Mariana Sérvulo da Cunha. 3. ed. 3. tirag. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2021.
- MASCARO, Alysson Leandro. **Crítica do fascismo**. São Paulo: Boitempo, 2022.

Revista Jurídica Unigran

Registrado em 12.11.2023.

Aceito em: 28.12.2023